

EVASÃO ESCOLAR, A ESCOLA E O MERCADO DE TRABALHO: O QUE DIZEM JOVENS DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS

Rosangela Fritsch

Ricardo Ferreira Vitelli

Resumo

Este texto é resultado de investigação sobre evasão escolar no ensino médio explorando as interfaces entre o mundo da escola e o mercado de trabalho. Problematiza e evidencia algumas distinções nos significados de trabalho, emprego, educação e escolarização, no contexto de supremacia do mercado de trabalho sob a égide da lógica neoliberal. Metodologicamente configura-se numa pesquisa qualitativa com dados empíricos coletados no acompanhamento da trajetória escolar dos estudantes de ensino médio em três escolas públicas localizadas em São Leopoldo/RS, no período de 2012 a 2014. Sustentamos apoiados na interlocução, especialmente com Marx e Luckács, ser inconciliável para o jovem estudante do ensino médio de escolas públicas a relação emprego e escola e equivocado atribuir tratar-se da relação formação/educação e trabalho como aparece em muitas pesquisas que tratam sobre motivos da evasão escolar. A lógica neoliberal da competitividade e empregabilidade carregada por um ideário fetichizado transfere para o indivíduo a responsabilidade por sua competência e sua qualificação, formal e técnica, sem dar-lhe qualquer garantia de sobrevivência e ou permanência no mercado de trabalho.

1. Introdução

Este texto sobre evasão escolar no ensino médio, nas interfaces entre o mundo da escola e o mundo do trabalho, problematiza e evidencia algumas distinções nos significados de trabalho, emprego, educação e escolarização, no contexto de supremacia do mercado de trabalho sob a égide da lógica neoliberal.

A evasão escolar relaciona-se com a perda de estudantes que iniciam, mas não concluem seus estudos, configura-se como desperdício social, acadêmico e econômico. A evasão escolar, aqui sinônimo de abandono escolar, significa desistência por qualquer motivo, exceto conclusão. É um fenômeno complexo, associado a não concretização de expectativas de pessoas e reflexo de múltiplas causas relacionadas a fatores e variáveis objetivas e subjetivas que precisam ser compreendidas no contexto socioeconômico, político e cultural, no sistema educacional e nas instituições de ensino.

Pesquisas que vem sendo produzidas sobre evasão escolar, em todos os níveis de escolarização, apontam como uma das variáveis determinantes para o abandono/desistência a não conciliação entre estudo e trabalho/emprego (BARONE, 2015; NASCIMENTO, 2015;

OLIVEIRA, 2015; SILVA, 2014; AMARAL, 2013; SILVA, 2013; PEREIRA JÚNIOR, 2012; PALÁCIO, 2012; SOUSA, SOUSA, QUEIROZ, 2011; SOUZA, PONCZECK, OLIVA, 2011; DEBIASINO, 2010; BACHI, 2010). Neste texto atribuímos sentido a emprego e trabalho a partir das falas de jovens evadidos do ensino médio, em escolas públicas localizadas em São Leopoldo/RS.

Como arcabouço teórico assumimos a definição de trabalho a partir de sua constituição genérica, como ontológico, como categoria mediadora e estruturante da constituição do ser social. Como atividade cultural, como ação humana e, conseqüentemente, produto e processo de uma sociedade historicamente situada; atividade e experiência humana de produção e de reprodução da vida material e da vida em todas as suas dimensões, é espaço de experimentações, de interações e de aprendizados onde múltiplos saberes são produzidos. O trabalho é central na vida das pessoas e contém em si o princípio educativo. O trabalho como princípio educativo é uma prática social pedagógica, a sua natureza constitutiva orienta a formação do ser-pessoa e do ser-sujeito. (MARX, 2002; LUCKÁCS, 1979).

Na sociedade capitalista, a exploração e a precarização do trabalho têm sido determinantes na produção das desigualdades sociais. A Educação, pelos processos de escolarização, no bojo do projeto neoliberal, atende demandas de qualificação da força de trabalho. O emprego definido pelo estabelecimento de vínculo com empregador por um contrato jurídico-psicológico e social estabelece a compra e venda do trabalho. Defendemos a ideia de que pela venda da força de trabalho, por meio de relações contratuais de emprego, torna-se equivocado atribuir mesmos significados a Educação, Escolarização, Trabalho e Emprego.

Metodologicamente configura-se numa pesquisa qualitativa com dados empíricos coletados no acompanhamento da trajetória escolar dos estudantes de ensino médio em três escolas públicas localizadas em São Leopoldo/RS, no período de 2012 a 2014. Foi realizado inicialmente um estudo do perfil de 928 estudantes no primeiro ano do Ensino Médio que foram acompanhados até o final deste nível composto por um conjunto de 45 variáveis. No início de 2013 foram realizadas entrevistas com estudantes que aprovaram, reprovaram e evadiram (não se matricularam no segundo ano). De forma informal foi estabelecida uma conversa a partir de um roteiro orientador previamente definido, que questionava os pesquisados da seguinte forma: Na tua opinião o que contribuiu para a tua reprovação/abandono? Qual foi a reação dos teus pais frente a tua reprovação/abandono? Como tu te sentiste com a reprovação/abandono? A análise de dados, inspirada em Bardin (2011), foi realizada coletivamente nos encontros semanais do grupo de pesquisa e gerou um

conjunto de categorias. Neste texto, serão destacados excertos das entrevistas com evadidos, sem a identificação dos estudantes, procurando explicitar o(s) olhar(es) sobre a escola e sobre o mercado de trabalho na perspectiva dos mesmos.

2. Olhares sobre a escola e mercado de trabalho na perspectiva dos estudantes evadidos

Quando se referem a escola, estudantes evidenciam que no ensino fundamental tinham boas notas, mas no ensino médio a situação torna-se mais difícil, uma reprovação logo no primeiro ano leva a outras até que chega o momento em que perdem a motivação, não acreditam mais em si, na escola e decidem abandonar. Confirma-se como um ciclo vicioso de reprovação, de defasagem idade-série e de evasão.

Eu jamais sairia da escola aquela época, eu gostava de estudar, eu vinha até com chuva, principalmente aqui na S que é um bairro que sempre alaga, é terrível.(...) Eu vinha, tinha até as questões das greves, tinha greve vinha igual, se não dava voltava e tentava acompanhar. Matemática sempre foi a mais difícil de todas, por causa dessas equações x , y , essas báscara, tudo, essas coisas que eu acho que não tem necessidade. Na minha opinião para o que eu quero não tem a ver. Então rodei em matemática, mais em química que foi só no último trimestre. Por várias coisas que aconteceram, eu não sei se era implicância da sora X, então ela e botou com uma pessoa que não tinha todo esse amor pela química, mas enquanto ela tava de licença eu tinha passado nos dois trimestres com a professora X. Depois quando ela voltou, nas últimas provas não tinha como, faltou questão de dois nove pontos por aí. E não me foi avisado que eu poderia ter feito o provão naquela época, terminou e falaram que quem terminou até o dia 20 eu acho.

É que nem eu digo, a matéria é a mesma, aqui tinha matéria que podia me explicar, explicar e explicar que eu não entendia, não entendia mesmo. Tentava fazer e não conseguia, e eu desistia muito rápido das coisas. Todo professor dizia que eu tinha capacidades que eu ia conseguir, mas eu não acreditava. Daí não sei se tu acaba enjoando, ou cansando de vir todo os dias, todo esse tempo, não sei te dizer mesmo o porquê.

O resultado do aproveitamento escolar aparece como um fator chave, o desempenho escolar é associado a fracasso escolar e provocada no educando a sensação de incompetência. Para esses jovens evadidos o fato de não terem bons resultados foi decisivo para a desistência do ensino médio. Eles não tiveram boas notas, tiveram reprovações, o que de forma geral já produz uma desmotivação ao iniciar o ano novamente na mesma série, revendo os mesmos conteúdos, com os mesmos professores e do mesmo jeito.

Até a oitava série eu sempre fui boa [...] Daí veio o primeiro ano, o primeiro ano eu achei bem difícil, eu me esforçava e tudo e não consegui atingir a meta. Depois eu fiz de novo o primeiro ano. Reprovei quando faltava um pouco pra terminar, fiz de novo pela terceira vez, não desisti [...]. Quando chegou em agosto eu coloquei na minha cabeça que minhas notas não estavam boas e que eu não ia passar [...]eu vim assim uns dias, mas eu sabia que não ia dar, daí eu parei.

Para essa geração destaca-se o fato de que quando algo é difícil de ser atingido torna-se mais fácil desistir, as relações são aparentemente mais volúveis, incluindo a relação com o conhecimento, prevalece o imediatismo.

Muito cansado mesmo. Eu abandonei porque no primeiro trimestre eu tinha oito notas ruins, pra mim recuperar ia ser muito difícil né.

Criticam a escola e os processos de ensino, aprendizagem e avaliação. A realidade apresentada por cada estudante nos leva a refletir e a entender que eles desejam práticas pedagógicas que façam sentido e atendam suas necessidades sociais, familiares, financeiras, entre outras.

O estudo naquela época, não sei como tá hoje, acho que continua uma porcaria, apesar de muitos professores bons fazerem o que eles podem, tem até profissionais que já saíram daqui e não trabalham mais na área. (...) Que as vezes a gente sai da escola, vai em um centro cultural, vai em Porto Alegre, na bienal, mas fica só nisso. Falta os professores trazerem coisas lá de trás, principalmente de história e geografia, trazerem conteúdos excitantes, conteúdos que estimulem de alguma maneira o estudante a pensar, criar, desenvolver alguma coisa que ele tenha escondido nele e que possa ser útil pra ele. Não é só passar no quadro a matéria. Não é só passear também. Uma sala de aula aprisiona a cabeça da gente, tem pessoas que querem estudar e tem estudantes que não deixam. Tem estudantes que vão só pra badernar os professores, e os professores não tomam atitude, e isso prejudica muita gente, muita gente gosta de literatura, muita gente dentro da sala de aula não gosta e tem preconceito, e julga, e fala mal, é vida isso.

A escola passa a ser uma “perda de tempo”, o crédito e a confiança foram abalados, não percebem mais sentido naquele lugar e não vislumbram objetivos para avançar até a conclusão do ensino médio.

Aquela confiança que a gente deposita, aquele amor todo de ir na escola, de estudar e tal, não tinha mais.

Eu não tinha mais motivação pra continuar. Eu vi que naquele momento não era mais, o mundo tinha acabado. Mundo escolar, a confiança que a gente deposita na escola para ter um futuro não era mais aqui, eu perdi a credibilidade na escola. Não por várias pessoas, mas por certas pessoas, determinadas pessoas, casos isolados, e que não tinha mais porque eu estar aqui. Então eu fui trabalhar, continuei trabalhando.

Embora tenham reprovações e como consequência abandonado a escola, essa aparece muitas vezes de forma sublimada, tempo e espaço onde tiveram muitos aprendizados e não relacionam a evasão com situações vividas. Elogiam a escola e os/as professores/as e como pode ser visualizado no depoimento a seguir atribuem a si próprios a responsabilidade. Nesse caso o estudante afirmou que foi uma ideia que ele fixou, que não conseguiria terminar seus estudos de modo regular.

Eu aprendi muito aqui no colégio, as professoras são todas excelentes, a professora [...] para mim, ela é melhor coordenadora que existe e melhor professora. Ela explica muito bem, levei bastante coisa daqui. Mas eu botei na cabeça que se eu continuasse aqui eu ia demorar para terminar o colégio.

Assume a responsabilidade e a culpa pela decisão tomada e que a mesma trará consequências, sabem que quando optam por evadir mais tarde isto vai ter reflexos nas suas histórias de vida e nas oportunidades que poderiam encontrar pelo caminho. No entanto, priorizam o emprego em detrimento do estudo.

A decisão foi porque começou a ter o politécnico e daí eu comecei a trabalhar ano passado e daí como ficou muito apertado, eu trabalhava sem carteira assinada, aí eles não entendiam e me davam falta entendeu. Aí eu comecei a ir mal nessa matéria do politécnico e outros que eu faltava. Daí eu meio que desisti, vi que não dava mais, no primeiro semestre, no primeiro trimestre eu tirei várias notas vermelhas, foram 7 ou 6.

A escola aparece como importante espaço de socialização, para construção de relacionamentos, tanto com colegas quanto com professores. Destacam a importância dos relacionamentos criados na escola e o sentimento de pertencimento que tinham quando estudavam na instituição, ainda que este pertencimento não estivesse visível durante o tempo em que estavam na escola.

Era minha casa aqui, minha segunda casa.

Demonstram possuir respeito por professores que estabelecem relações positivas, evidenciam que alguns se preocupavam com o desempenho escolar e chamavam a atenção, mas que não estavam prontos para ouvir e mudar de postura.

E outra não vou ter tantas amizades quanto tinha na escola, além de não prestar atenção em brincava com brincadeirinhas com os colegas, ia no mesmo barco que eles. E sempre tinha professor, a M me chamava a atenção, o F sempre me chamava a atenção. E eu nunca pensei, bá vou parar agora, to vendo que estou errada, vou parar. Entrava em um ouvido e saía no outro. Eu não dava bola pra eles, foi no que eu rodei dois, três anos quase. ”

Gostam dela porque ela sabe extrair teu potencial, sabe enxergar o que tu tem de bom e o que tem de ruim. Então ela neutraliza isso e te mostra.

Uma vez fora da escola torna-se muito difícil o retorno do evadido. Além do desânimo em relação aos estudos, a burocracia para conseguir novamente a vaga via coordenação de ensino é um fator de impedimento. Os estudantes que desistiram dos estudos e têm consciência da importância destes para conseguir uma vaga no mercado de trabalho destacam que não é fácil retomar os estudos. Afirmam que muitas escolas próximas de suas casas não oferecem a modalidade de ensino que precisam e a opção passa a ser a Certificação pelo Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM ou Educação de Jovens e Adultos - EJA pois, segundo eles é mais fácil e rápido.

E tenho que acabar o ensino médio pelo ENEM também que tem essa oportunidade. Que dependendo de quanto tu tirar na prova...

É, escola normal eu não quero. Eu vou ser sincero, tudo que eles ensinam a maioria a gente não usa, só se for em uma faculdade, um estudo mais a cima, superior.

Nos relatos a seguir é perceptível que as crenças não estão alinhadas a necessidade de estudar, ao mesmo tempo, o emprego ocupado não exige qualificação.

Eu já tinha trabalhado outras vezes com carteira assinada também, depois que eu sai da escola, porque ninguém gosta muito de pegar pessoa que estuda e essas coisas, daí eu tive que optar, ou um ou outro. Porque senão fica muito pesado, chegar as seis em casa e já sair as sete pra aula.

Têm clareza que para um emprego melhor é necessário possuir no mínimo o ensino médio concluído, contudo, para eles ter abandonado a escola não significa que abriram mão de seus valores, as coisas que acreditam, eles querem ser “eles mesmos e não o que os outros querem que eles sejam”.

Porque hoje em dia tá difícil de conseguir alguma coisa que seja um trabalho bom sem um estudo né... né é bem complicado, eles exigem... qualquer serviço bom que tu queira, exige um grau de estudo né... e esse grau eu não tenho ainda né, não consegui. (...) até iria volta a estudar só que como eu arrumei um serviço que me impossibilitava, aí eu deixei meio que o estudo um pouquinho de lado pra pode trabalhar, que eu achei que era mais necessidade o trabalho né, aí eu não consegui um trabalho que pudesse me ajudar também pra mim poder pegar e sair tal hora e ir para a escola de noite e tal, então eu preferi só trabalhar por enquanto mesmo.

Para os jovens o sentimento de compreensão pode ser um fator decisivo para que se sintam apoiados e talvez a decisão de se evadir possa ser revista. Problemas vividos nas relações familiares também são significativos destacando-se como dificuldades a falta de tempo e diálogo, desencontros e solidão.

Minha mãe só queria que eu arrumasse um emprego. Meu pai falo: ba mas tu gostou disso. Ele é mais fresco né. Aí eu disse que não é o que eu gostei, mas foi o que eu achei. E é o que eu quero assim, de ganhar bem. Não é bem, mas...

Eles não queriam de jeito nenhum. Só que eu também não ia ocultar, mas minha me fez o pior, ela foi no conselho tutelar e me denunciou por não estar indo a escola, por eu ter abandonado. Foi pior ainda, Ela deveria ter me apoiado, claro que eu larguei a escola, mas eu fui trabalhar. Ela não me apoiou, criminalizou a vida inteira, me tachou de tudo quanto era coisa, e eu não aceito. Não aceitei naquela época, só que hoje em dia eu acho que fiz certo apesar de tudo. Eu tenho a cabeça que eu sempre tive, não mudei meus valores, continua a mesma coisa, embora tenha largado a escola era preciso, porque é um preconceito enorme- tu não ter conseguido. A gente precisa de segundo grau, mas precisa para que? e explica aonde tu vai usar o segundo grau. Matemática x, e y, isso é pra contabilista, quem quer ser escritor no meu caso, quem quer ser advogado, professor, enfim, eu nunca gostei das pessoas depositarem algo em mim, por causa que eu não sei se eu vou dar conta, e quero ser eu, não o que os outros querem.

O jovem fica perdido e carente dos laços familiares, não percebe a família como a base ou a sustentação para a resolução de dificuldades.

Minha mãe prometeu que ia ter uma vida eu e ela, morar eu e ela, daí ela voltou com meu pai e me deixou sozinho, daí eu moro aqui agora, ela voltou e eu fiquei. Minha mãe ia pra lá e pra cá. Às vezes eu chegava e ela não estava em casa, não tinha nem com quem conversar. Chegava tarde também, e já tinha que ir dormir direto.

Relataram que os pais tiveram uma reação inesperada ao saber da desistência e negaram futuros apoios.

Meu pai e mãe ficaram chateados por eu ter acabado assim na metade do período né, daí não terminei nem segundo nem terceiro, daí eles falaram se era isso mesmo que eu queria, que emprego eu poderia ter hoje e amanhã não ter mais, que o estudo eu ia levar além, pode ter um futuro melhor com estudo, mais fácil para ter um emprego bom. Mas coloquei na cabeça isso.

Os estudantes evadidos apontam um contexto de responsabilidade voltado para o suprimento das suas necessidades de vida que os fazem abrir mão da vida escolar.

Só pensei em trabalhar, tinha que se sustentar, não tinha como. Como eu ia sobreviver? Meus planos: casa, comida e minha mãe remédios, minha mãe toma 16 tipos de remédios, ela tem depressão, diabetes, colesterol, tudo que tu imaginar ela tem.

Não, não precisa de segundo grau, Mas pra isso tive que esperar uns quatro meses até fazer 18 anos. Eles não queriam me liberar, diziam que não tinham quem colocar no meu lugar porque eu era muito importante, porque eu fazia dez funções, era só eu de manhã, eu abria o mercado. Um mercado daquele tamanho e era só eu que ficava lá sozinho. Quando eu entrei tinha um colega que tinha que sair, ele ia se operar, então eu cuidava sozinho de três corredores. Recebi a proposta de trabalhar na confeitaria do supermercado, na filial 44 pra ganhar um pouco a mais. Obvio que eu aceitei, foi reconhecimento. Uma coisa que eu sempre quis escutar: como esse guri trabalha bem, esse guri podia trabalhar com a gente. E dentro da minha filial eu nunca tinha escutado isso. Então eu disse: é isso que eu quero. Comecei na terça depois da audiência. To gostando, é puxado, mas não é difícil. Nada da vida cai do céu, a gente está ali pra aprender. To começando tudo de novo. A vida é isso, a gente tá sempre começando.

Muitos estão inseridos numa realidade de emprego com carga horária exaustiva, com pouca idade e maturidade para assumirem papéis e responsabilidades exigidas pelas funções desempenhadas, por motivos vários, mas, principalmente, pela necessidade de perceber um salário para ajudar na economia doméstica, e se manterem.

A princípio era pra trabalhar de noite servindo mesa num bar que é parente da nossa família. Daí eu fui, era 35 a diária, só sábado e domingo. Na outra semana me ofereceram pra trabalhar fazendo pizzas, eu aceitei também. Daí 20 dias depois me chamaram aqui no macroatacadado daí eu fiquei pensando que com 700 reais não tem como eu me manter, manter minha mãe e minha casa, então eu tinha que ter dois empregos, então aguentei durante três meses dois empregos. Acordava as sete, oito horas começava, largava cinco e vinte, ia pra lá e chegava as seis horas, largava as duas da manhã, dormia duas horas só, e voltava pro macro. Assim era a semana, teve um dia eu contei, eu trabalhei 20 horas direto.

Exercem atividades que não lhes trazem satisfação nem reconhecimento, logo passam a ter a consciência da precariedade e de exploração as quais estão submetidos.

No mercado. E continuei no mercado. Fiquei um tempo em um, fiquei um tempo desempregado, depois fui pra outro. Nesse eu ganhei experiência, fiquei um bom tempo, fiquei sete meses lá, que era estância velha, acordava cinco e meia da manhã. Dez pras seis já estava esperando a van, e vinte pras sete já estava trabalhando. Saía de lá oito horas da noite, chegava em casa quase nove horas, meio dia eu tinha menos que uma hora de intervalo e já tinha que voltar. Nunca ganhei essas horas. É escravizado é, mas eu não culpo por ter saído da escola,

porque eu acho que independente do emprego tu vai ser escravizado, tu pode ter estudo assim como tem gente que eu conheço que tem estudo e trabalha na mesma função que eu e é explorado igual.

Muitos têm a percepção da necessidade do estudo como transformador de sua realidade social, porém não conseguem efetivá-lo como tal. Também concorrem com tal situação o consumismo, o imediatismo, a aceleração do tempo, acompanhada de um desconforto pessoal em não se realizar profissionalmente.

É só pra mim adquirir coisas, comprar minha moto, um carro se der. O que eu quero mesmo é fazer técnico em solda. Que daí ganha melhor né.

Não eu troquei de função já umas seis vezes, troquei de setor. Mas até hoje nunca me pediram, nada me restringiu pela escolaridade né, no que eu trabalho, eu sei que tem outras coisas (...).

A atividade laboral aparece como fator de empecilho na continuidade da trajetória educativa. A jornada de trabalho acaba por interferir nas atividades da escola, há partes das falas em que fazem referência a pretensão de buscar um emprego com menor carga horária, pois têm consciência da importância em retornar à escola para continuar seus estudos e, por conseguinte, melhorar a qualidade de vida.

Muita coisa... muita coisa, eu trabalho até às oito e meia, uma hora só. Talvez também eu teria vontade de mudar de serviço tentar um serviço com menos carga horária e tal para poder volta a estudar né. Até agora eu vou começar a procurar outro emprego com uma carga menos assim pra pode pensar em estudar de volta porque faz muita falta.

Há também alusão da falta de tempo (ou sensação de aceleração do mesmo), o atraso é algo que incomoda o estudante e passa a ser fator de peso na decisão de abandono escolar. O início do trabalho ainda em idade fora do permitido por lei também é decisivo na evasão.

A questão é que o cara tem que trabalhar né, e daí eu trabalho pesado, daí eu começo a trabalhar de manhã cedo, eu começava as seis horas da manhã e ia até os últimos minutos que dava pra entrar no colégio, se tu acompanhar a minha história eu tava sempre atrasado (...).

As declarações refletem o dilema vivido, pois o emprego e a necessidade de ganhar dinheiro se torna mais preponderante do que o estudo. Abrem mão dos estudos para se dedicarem ao emprego. Muitos por necessidades básicas de sobrevivência e alguns seduzidos pela compra de bens de consumo. Em comum a inserção no mercado de trabalho em empregos duros que não exigem qualificação e escolarização.

Estou tentando cuidar da vida e estou sendo agora feliz, trabalhando era o que eu queria, comprando o que eu queria, depois eu começo a estudar, que é ruim sempre a pé, sempre dependendo do meu irmão. Eu e ele temos quatro anos, quatro meses, quadro dias e quatro horas de diferença. Ele tem carro e trabalha, fez curso técnico, mas não bota em pratica, até colocou, mas não bota mais. Fez estágio, mas não valeu de nada porque não levou o papel. É gerente do armazém do peixe. [...] Ele concluiu ensino médio e técnico. Ele não fala nada sobre voltar a estudar,

porque ele nem pode falar, ele não gosta do trabalho pesado, gosta de ficar sentado lá no ar condicionado.

Apesar de o emprego ter prioridade sobre os estudos, os entrevistados dizem que é temporário e que têm consciência de que é fundamental a formação escolar para melhorar a vida profissional tanto na qualidade quanto no salário.

Parei de estudar porque eu comecei a trabalhar num emprego que não era fixo, daí acabei rateando...deixei os estudos de lado e agora tem que fazer um monte de...estudar todo o dia.... Numa lavagem de carro...eu fui trabalhar... É...menos de um mês...daí era muito cansativo, muito puxado... 'bá'...eu vinha pra casa cheio de dor nas costas...daí eu falei, bah mãe, não dá mais...não quero mais. Aí eu saí.

Uma realidade que assombra o jovem evadido é o embate entre o real e o ideal. Muitos estudantes acabam não tendo forças para encararem duas jornadas de atividades, a jornada de trabalho formal e, a noite, a jornada de estudos.

Então eu fui trabalhar, continuei trabalhando.

Eu não conseguiria conciliar as duas coisas (emprego e estudo).

No cenário atual do mundo do trabalho as novas facetas de incertezas, de desigualdades, de vulnerabilidades, de medos, de violências, de inseguranças e de pressões sobre as pessoas estão renovadas pelas pressões colocadas pela “empregabilidade”, pelo “desenvolvimento de competências” e pela necessidade de “qualificação permanente” como um compromisso a ser assumido individualmente. Buscam gerar a falsa perspectiva de que o emprego depende tão somente da capacidade de resposta individual. São estratégias de controle, de coerção e de cooptação, impostas aos jovens que a elas aderem para sobreviver. (ANTUNES, 1998).

3. Tramando algumas discussões finais... ou iniciais?

Neste momento o propósito é retomar a questão inicial, provocando alguns deslocamentos e produzindo algumas reflexões sobre o tema da evasão escolar. Tendo como inspiração a Alegoria da Caverna de Platão (1996) reconhecemos que o fenômeno enquanto realidade se apresenta em tonalidades que transitam entre claros e escuros, entre luzes e sombras, entre visíveis e invisíveis no cenário educacional atual.

No tensionamento entre claros e escuros identificamos que no claro/luz as definições de evasão a evidenciam como um indicador que revela quantos por cento dos estudantes que estavam matriculados (ano/semestre) e que não estão matriculados menos os concluintes; também como abandono/desistência do estudante e família; como fenômeno multicausal e que representa o desperdício de recursos. Em tons de escuro/sombra pouco se evidencia a evasão como exclusão da escola, de direito a um bem público, como frustração de expectativas,

sonhos, sofrimento e como sinal de fracasso escolar do sistema. Esconde-se a desigualdade social com todas as diferenças a ela inerentes.

Bourdieu se dedicou a estudar o sistema de ensino Francês e ainda hoje conceitos e categorias analíticas são relevantes, especialmente a categoria herança cultural, as implicações da exclusão e fracasso escolar com o capital social e com o capital intelectual dos estudantes e suas famílias. “O capital cultural e o *ethos* ao se combinarem, concorrem para definir as condutas escolares e as atitudes diante da escola, que constituem o princípio de eliminação diferencial das crianças das diferentes classes sociais.” (BOURDIEU, 2014, p.55). A escola, como uma instituição social, inserida num sistema social capitalista contribui para legitimar desigualdades sociais, em grande medida produzindo dentro de si dando condições para isto.

Retomando a metáfora, em tons claro/luz os indicadores servem para subsidiar a formulação de políticas educacionais voltadas para melhorar os índices e atingir metas; para definir padrões e critérios com a intenção de monitorar e controlar os sistemas de ensino no Brasil; para permitir o monitoramento permanente e medição dos programas em relação às metas e aos resultados fixados. Em tons de escuro/sombra pouco são utilizados para diagnosticar sinais de exclusão social e de desigualdades; para subsidiar políticas públicas inclusivas; para subsidiar a formulação de políticas públicas voltadas para melhorar a educação; para permitir o monitoramento para ações que garantam a trajetória escolar permitindo o acesso, a permanência, a aprendizagem e a conclusão.

Quando refletimos sobre os motivos para a evasão, em tons de claro/luz identificamos fatores e variáveis que responsabilizam estudantes (que também se auto responsabilizam) associados com o desempenho escolar, problemas com autoestima, desinteresse, falta de maturidade, formação básica insuficiente, despreparo, dificuldade de conciliar emprego e estudo. Responsabilizam família evidenciando dificuldades financeiras, necessidade de emprego; problemas pessoais (gravidez, casamento, filhos, doença, morte). Também, professores pelos conflitos na relação professor/estudante, falta de motivação e atenção, baixa qualificação. Em tons de escuro/sombra poucas vezes identificamos fatores e variáveis relacionadas com as instituições/escolas, com a comunidade local, com o Estado, Governos e Políticas Públicas. Ficam invisíveis problemas de vínculo/integração, propostas pedagógicas inadequadas; falta de acesso, transporte e alimentação deficitária, violência, drogas, preconceito, desigualdades sociais, poucas escolhas profissionais frente ao mercado de trabalho.

Outra linha de questionamentos que se coloca é quanto ao equívoco das explicações sobre o fenômeno da evasão numa relação bipolar de causa e efeito com a tendência de buscar

culpados pelo sucesso e o fracasso escolar: estudante/família x professor/escola. Se tomarmos o iceberg como metáfora estas seriam apenas as facetas visíveis e as que não estão visíveis seriam as mais fundamentais na medida em que se constituem a raiz do fenômeno.

A Educação como formação humana ou escolarização se coloca como uma perspectiva, projeção de futuro em detrimento do trabalho que reduzido à condição de emprego precarizado é condição de sobrevivência. Confirma-se ainda a crítica de Marx de que as relações de produção capitalistas se constituem relações de produção de valores de troca tendo em vista a acumulação do capital por meio da expropriação de mais-valia. No processo capitalista de produção a mais valia é gerada pelos trabalhadores, pela venda de sua força de trabalho. A força de trabalho é a capacidade de trabalho e uma mercadoria singular, não é o trabalho realizado pelos trabalhadores. (MARX, 2002).

A empregabilidade consiste em se manter em estado de competência, de competitividade no mercado de trabalho sendo uma ancoragem importante da lógica da ideologia neoliberal e da competitividade no atual modo de produção de bens e serviços na medida em que estimula nos trabalhadores a busca contínua de qualificação na ilusão de desenvolver e adquirir competências que os mantenham empregáveis e incluídos no atual mercado de trabalho. O desemprego estrutural justifica, para quem está dentro do mundo produtivo, a aceitação e submissão de regras de exploração estabelecidas pelos poderosos do mercado e capitalismo internacional para não ficar fora.

Pode-se dizer que são muito tênues os limites entre o ficar “dentro e fora”, entre a exclusão includente e a inclusão excludente (KUENZER, 2002). Kuenzer define que a exclusão includente são as estratégias para excluir o trabalhador do mercado formal, no qual ele tinha direitos assegurados e melhores condições de trabalho ao mesmo tempo mantendo o mesmo incluído no mundo do trabalho em condições precárias. Trata-se das estratégias que as organizações adotam conjugando a exclusão de direitos e benefícios e a inclusão das competências dos trabalhadores aos processos de trabalho em troca de condições mínimas de trabalho. Já a inclusão excludente são as estratégias de inclusão nos diversos níveis e modalidades de educação formal aos quais não correspondem os necessários padrões de qualidade que permitam a formação de trabalhadores com identidade capaz de superar as mazelas do capitalismo.

Na esteira da inclusão excludente o que muitas vezes determina a escolha do emprego em detrimento da escola vem sendo denominado como empregabilidade o que em alguma medida é expressão de luta e resistência dos trabalhadores de se manterem incluídos mesmo que à beira da exclusão no mundo do trabalho. A empregabilidade constitui-se

fundamentalmente por estratégias individuais de manutenção da qualificação mínima requerida e entrega de competências que atendam a exigência da “modernização flexível” de um trabalhador flexível, responsável e empenhado na sua permanência no mercado de trabalho. Neste sentido, sustentamos ser muitas vezes inconciliável para o jovem manter de forma simultânea a relação emprego e escola. Da mesma forma, é equivocado atribuir como motivo da evasão escolar a relação formação/educação e trabalho como aparece em muitas pesquisas.

No contexto de uma sociedade capitalista e neoliberal com um Estado Mínimo o foco na concorrência e competição potencializa o individualismo. Neste ideário fetichizado transfere-se para o indivíduo a responsabilidade por sua empregabilidade pela entrega de competências e pela sua qualificação, formal e técnica, sem dar-lhe qualquer garantia de sobrevivência e ou permanência no mundo do trabalho. Ao mesmo tempo, se coloca nele a responsabilidade e culpabilização de seus sucessos e fracassos.

O Ensino Médio e a Educação Profissional no Brasil, como etapas decisivas na trajetória escolar de inserção no mercado de trabalho, historicamente são debatidos e disputados e concretizam-se em projetos formativos ambíguos e dualistas, com avanços recuos entre uma formação integral e outra profissional meramente instrumental as demandas do modelo produtivo. Enguita (2004) com razão afirma que na escola se aprendem as relações sociais de produção dominantes na sociedade e a forma mais fácil disto ser compreendido é através do conteúdo do currículo o que sinaliza um currículo que não está oportunizando aprendizagens necessárias para o exercício da cidadania. Pelo viés da evasão escolar também é possível visibilizar as mazelas produzidas pelo projeto de sociedade capitalista na égide da lógica neoliberal.

Referências

AMARAL, João Batista do. **Evasão discente no ensino superior: estudo de caso no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (Campus Sobral)**. 2013. 48 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Superintendência de Recursos Humanos, Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior, Fortaleza, 2013.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo no trabalho. 5 ed. Campinas: Cortez; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARONE, Luigi. Rede Social e Abandono de Adolescentes. In: **Revista Contrapontos**. V.1, n.3, p.23-39, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/72/56>>. Acesso em: 17 de abril de 2015.

BOURDIEU, Pierre. Escritos da Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DEBIASINO, Flávia de Jesus Mendes. **Acesso, permanência e evasão nos cursos do Proeja em instituições de ensino de Curitiba-PR**. 2010. 127f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR). Curitiba, 2010.

ENGUIITA, Mariano Fernández. **Educar em tempos incertos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KUENZER, Acácia Zeneida. Exclusão Incluínte e Inclusão Excludente. In: **Capitalismo, Trabalho e Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, HISTEDBR, 2002.

LUKÁCS, Georg. **Ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. **Livro Primeiro e Livro Terceiro**. 20 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

NASCIMENTO, Lucidalva Pereira do; KEMPA, Sydney Roberto. **A evasão e/ou abandono de jovens do ensino médio noturno de uma escola pública do litoral do Paraná**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2553-8.pdf>>. Acesso em: 7 de Maio de 2015.

OLIVEIRA, Elzira Lúcia de; NETO, Eduardo L.G. Rios-. **Transição dos Jovens para o Mercado de Trabalho, Primeiro Filho e a Saída da Escola**: o caso brasileiro. 2006. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_alap/PDF/ALAP2004_407.PDF>. Acesso em: 6 de Maio de 2015.

PALÁCIO, Paula da Paz. **Políticas de acesso e permanência do estudante da Universidade Federal do Ceará (UFC)**. 2012. 123 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior, Fortaleza, 2012.

PEREIRA JÚNIOR, Edgar, **Compromisso com o graduar-se, com a instituição e com o curso: estrutura fatorial e relação com a evasão**. 2012. 414f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

PLATÃO. **A República**. Livro VII, 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

ROCHA, Wellington Moreira da. **Educação de Jovens e Adultos e a Evasão Escolar: o caso do Instituto Federal do Ceará Campus de Fortaleza**. 2011. 154f. Dissertação (Mestrado em Educação) do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2011.

SILVA, Sidinei Pithan. **Ensino Médio**: responsabilidade social e emancipação. In: AZEVEDO, José Clóvis de; REIS, Jonas Tarcísio (orgs). O ensino médio e os desafios da experiência: movimentos da prática / organização Jose Clovis de Azevedo, Jonas Tarcísio Reis. — 1. ed. — São Paulo: Fundação Santillana: moderna, 2014.

SILVA, Wander Augusto da. Fatores de Permanência e Evasão no Programa de Educação Profissional de Minas Gerais: (PEP/MG): 2007 a 2010. 2013. 221f. Tese. (Doutorado em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, jul. 2013.

SOUSA, Antônia de Abreu; SOUSA, Tássia Pinheiro de; QUEIROZ, Mayra Pontes de; SILVA, Erika Sales Lôbo. Evasão escolar no ensino médio: velhos ou novos dilemas? Revista VÉRTICES, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 13, n. 1, p. 25-37, jan./abr. 2011.

SOUZA, André Portela; PONCZECK, Vladimir; OLIVA, Bruno. Os determinantes do fluxo escolar entre o ensino fundamental e o ensino médio. 2011. Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas FGV-EESP. Texto n. 286 – C-MICRO N.06. Maio de 2011.